

CARLOS IVAN SIMONSEN LEAL

“Estamos numa posição mais arriscada”

“Sem o equilíbrio fiscal e a introdução de instrumentos de política monetária de longo prazo, ou seja, títulos de longo prazo como meios de esterilização da expansão da base monetária (emissão de dinheiro) decorrente da compra e venda de dólares, o que acontece é que se fica numa situação de *corner*. ”

Não se pode deixar a economia se aquecer, porque, na medida em que a economia se aquece, aumenta o déficit em transações correntes; e por ter aumentado esse déficit, aparece, por exemplo, um déficit comercial porque se importa mais do que exporta e, consequentemente, as pessoas começam a por em dúvida a estabilidade do Plano Real.

Isso gera incertezas, que diminuem o nível de investimentos, e pode comprometer o futuro. Quer dizer, é o que em inglês se chama ‘a profecia que se cumpre a si mesma’. Simplesmente pelo fato de que ela é repetida exaustivamente, acaba se concretizando.

No nosso caso, nós tivemos, com a introdução do Plano Real, um excesso de otimismo quanto à incapacidade de financiamento desse déficit em transações correntes, e uma apreciação muito rápida do



Real.

Isso criou alguns problemas que foram, digamos assim, sanados com o desaquecimento da economia no início de 1995. Desaquecimento esse, que foi em parte forçado devido à crise mexicana na virada de 94/95. Isso tudo já é fato sabido.

O que se deve observar é que no início desse ano todo mundo já falava que era impossível crescer mais — lembro até de uma conta que o Amadeo fez e que previa exatamente o tamanho desse déficit comercial, se o crescimento chegasse a tal nível, como chegou, e que ia dar tal déficit. A conta está se confirmando.

Na verdade, a única variável que entrava em questão, era que grau de aquecimento da economia o governo iria permitir visto que este ano, 1996, era um ano de eleições. Como acontece em todo ano de eleição, em 99% dos países do mundo, a economia se aqueceu e o déficit se ampliou.

E agora a pergunta é a seguinte: “Será que num ano, 1997, em que se vai tentar a reeleição do Presidente da República, os gastos não vão se ampliar? Também em jogo não só a reeleição como o fim do requerimento da desincompatibilização. Ou seja, o presidente poderia concorrer permanecendo no seu cargo?

Se a campanha por isso não vai provocar um certo descontrole, uma certa incapacidade por parte do governo no controle das suas contas públicas, no sentido de se caminhar mais rapidamente possível para uma reforma fiscal para valer, é a pergunta que, agora, se deve fazer.

Isso não quer dizer que tudo seja negativo; apenas quer dizer que estamos numa posição mais arriscada.”